26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

SOBRE A PESSOA LEITORA NA BIBLIOPSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA DE NICOLAS ROUBAKINE

THE READER IN NICHOLAS RUBAKIN'S REVOLUCIONARY BIBLIOPSYCHOLOGY

Amanda Salomão – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), Universidade Federal Fluminense (UFF)
Diogo Xavier da Mata – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Discute as possibilidades de uma perspectiva social para a construção epistemológico-histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação via Bibliopsicologia de Nicolas Roubakine. O objetivo é discutir a noção teórica e aplicada de pessoa leitora via Bibliopsicologia e vocabulário roubakiniano, desvelada no contexto de opressão na Rússia czarista, como uma das centralidades do campo informacional em seu sentido de ruptura social e epistemológica. De natureza qualitativa, exploratória e explicativa, a proposta caracteriza-se como teórico-crítica e ancora-se na pesquisa bibliográfica. O referencial teórico é baseado na obra *Introduction à la psychologie bibliologique* de Roubakine e na doxografia roubakiniana. Constitui o *corpus* teórico a obra roubakiniana e as fontes epistemológico-históricas que discutem a trajetória do teórico e conceitos nucleares de seu pensamento, como: pessoa leitora, livro e leitura. A análise e discussão demonstram como Roubakine entende o lugar epistemológico da pessoa leitora em suas relações dialéticas com o livro através da leitura, via uma unidade conceitual e praxiológica que determina a construção científica do campo informacional como ruptura, ou seja, como um princípio revolucionário desde a ação rigorosa científica. Os resultados apontam para a construção do campo biblioteconômico-informacional, dentre uma de suas lentes epistemológico-históricas, através de uma perspectiva revolucionária, sob a ótica epistêmica e política, via a centralidade da ação da pessoa leitora. As considerações finais demarcam como a constituição epistemológico-histórica do discurso de ciência em sua estrutura revolucionária em Biblioteconomia e Ciência da Informação através da Bibliopsicologia fundamenta a leitura na paisagem social através da construção da realidade via pessoa leitora.

Palavras-chave: epistemologia histórico-crítica em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Nicolas Roubakine (Rubakin); Bibliopsicologia; pessoa leitora; leitura.

Abstract: Discusses the possibilities of a social perspective for the epistemological-historical construction in Library and Information Science based on Nicholas Rubakin's Bibliopsychology. The objective is to discuss the theoretical and applied notion of the reader based on Bibliopsychology and the Rubakinian vocabulary, unveiled amidst the context of oppression in Tsarist Russia as one of the epistemological centralities of the informational field as social and epistemological rupture. Qualitative, exploratory, and explanatory in nature, the proposal is characterized as theoretical-critical and uses bibliographic research. The theoretical framework is based on Rubakin's work *Introduction à la psychologie bibliologique* and its doxography. The theoretical *corpus* is constituted by the seminal Rubakinian work and the epistemological-historical sources that discuss the Russian theorist's trajectory and core concepts of his thought, such as: the reader, book, and reading. The analysis and discussion demonstrate how Rubakin understands the epistemological place of the reader in their dialectical relations with the book through reading, based on a conceptual and praxiological unity that determines the scientific construction of the informational field as a rupture, that is, as a revolutionary principle stemming from rigorous scientific action. The results point to the construction of the Library and Information Science field, through one of its epistemological-historical lenses, via a revolutionary perspective from an epistemic and political point of view, through the centrality of the reader's action. The final considerations demarcate how the epistemological-historical constitution of the discourse of science in its revolutionary structure in Library and Information Science through Bibliopsychology grounds reading in the social landscape through the construction of reality via the reader.
Keywords: Historical-critical epistemology in Library and Information Science; Nicholas Rubakin (Roubakine); Bibliopsychology; reader; reading.

1 INTRODUÇÃO

O estudo aprofunda a construção de pesquisas desenvolvidas no Brasil em torno do pensamento de Nicolas Roubakine (Rubakin, 1862-1946), bibliotecário russo que propôs a noção de Bibliopsicologia como ciência social autônoma, com suas teorias e métodos construídos a partir do estudo das relações entre livro, pessoa leitora[1] e leitura. A interpretação hodierna das teorias roubakinianas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) (Saldanha, 2019a, 2019b; Salomão; Saldanha, 2023, 2024, 2025) aponta

[1] Adotamos o termo “pessoa leitora” para nos referir ao que Roubakine (1998) chama, em seu texto, “*le lecteur*”. Essa decisão parte, de um lado, da transliteração do conceito “*lecteur*”, conforme a edição francesa aqui utilizada da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, sendo um substantivo sem flexão de gênero em francês (*le lecteur* pode ser "o leitor"/"a leitora") e, do outro lado, da compreensão de que o conceito roubakiniano macro de "leitor" abarca diferentes intersubjetividades. Portanto, o termo “leitor” em português não contempla tal abertura, tendo em vista que está delimitado ao gênero masculino; dessa forma, tentando nos aproximar do conceito intencionado pelo teórico russo, adotamos o termo “pessoa leitora” em nossas discussões.

para características epistemologicamente revolucionárias que teriam influência na Bibliologia de Paul Otlet (1934), anteciparam o debate e as teorias epistemológicas e sociocríticas posteriores em BCI e, ainda, tomariam forma sob as lentes epistemológico-históricas do campo a partir dos anos de 1950, via os estudos da recepção, a esquematologia de Robert Estivals (2002, 2003a, 2003b) no horizonte francófono e as correntes sociocognitivas; bem como os estudos da fundamentação social, pragmática e hermenêutico-retórica em BCI (Capurro, 1992, 2003). Na Rússia czarista dos anos de 1880 a 1910, antes de seu exílio para a Suíça, em 1907, Roubakine intentou demonstrar, via ciência bibliopsicológica, de que maneira o livro, a biblioteca e a leitura, triangulados a partir da ação da pessoa leitora, poderiam constituir objetos de instrução popular e tomadas de consciência crítica (Roubakine, [1922] 1998), deixando entrever uma dimensão praxiológica em seu pensamento que entrelaça teoria e prática na busca pela transformação social.

A condição epistemológica "revolucionária" na teorização roubakiniana abrange, nesta pesquisa, dois aspectos que integram a trajetória biobibliográfica do autor — o contexto social e político que atravessa sua vida e sua obra — e a proposta de uma problematização de cientificidade para o campo biblioteconômico-informacional, reconhecida diretamente pela fundamentação epistemológica otletiana (Otlet, 1934) em sua originalidade e baseada em uma posição científico-social: a ciência como modo rigoroso de transformação social a partir da pessoa leitora. O conceito “político” do gesto revolucionário, bem como o potencial de “profundas e substanciais inovações produzidas” (Abbagnano, 2007, p. 1013) em um campo do conhecimento a partir de uma ideia, um modelo ou uma obra — compreendidas, pois, no vocabulário da filosofia da ciência, como “revolução científica”, ou seja, o gesto epistemológico da ruptura —, podem ser antevistos na obra de Roubakine. A reflexão aqui proposta não discute, entretanto, o sentido de “revolução científica” estrito sob a abordagem kuhniana (Kuhn, 1975), ou seja, como efeito paradigmático. A compreensão da revolução segundo a epistemologia roubakiniana está, conforme aqui discutido, na singularidade de suas contribuições no contexto da formação do que hoje reconhecemos como Ciência da Informação, assim como, ressaltamos, a própria visão do “Tratado de Documentação” de Otlet (1934) reconhece.

De modo específico, o pêndulo da praxiologia bibliopsicológica roubakiniana, a partir do movimento dialético da leitura — entre autoria e pessoa leitora —, pende, de forma revolucionária, em direção à pessoa que lê. Enquanto a pessoa autora reina nos processos de

organização do conhecimento e mediação da leitura na história ocidental, via uma ideologia da propriedade (direito autoral) e da autoridade (detentora dos significados do texto), Roubakine ([1922] 1998) propõe como objeto epistêmico central de sua ciência a figura da pessoa leitora (*lecteur*) e suas experiências de leitura.

A ciência bibliopsicológica de Roubakine ([1922] 1998) está, justamente, voltada para as relações "livro-pessoa leitora" e "pessoa leitora-livro". A apropriação do pensamento roubakiniano, nesse sentido, (re)posiciona os processos intelectuais em sua relação com o meio artefactual gráfico e, mais especificamente, com a leitura, a partir de uma realidade dialeticamente concebida. Ou seja, o foco principal da teoria revolucionária do pensador está no estudo da pessoa leitora como consciência que atribui significado e que, dialeticamente, movimenta aquilo que conhece em direção àquilo que lhe é apresentado pela leitura.

Em outras palavras, a proposta roubakiniana não parte do autor para o leitor, como um processo linear de comunicação mediado pela manifestação da linguagem registrada. Parte, sim, da pessoa, ou seja, da relação humana de quem conhece através da mediação sociotécnica do livro, relacionando-se a um contexto social, cultural e psicológico para se expor, via leitura, a outros conhecimentos, saberes ou informação, e saindo de um estado de conhecimento para um estado de conhecimento maior. O movimento dialético proposto por Roubakine ([1922] 1998) está, pois, na pessoa leitora (*lecteur*); isto é, seu movimento revolucionário está na passagem da figura da autoria para a figura da pessoa leitora (revolução epistêmica para e na Bibliologia), com vistas à transformação social via leitura (revolução sócio-histórica e/ou sociopolítica).

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, discutir a noção de "pessoa leitora" no plano epistemológico-histórico em BCI, a partir da obra *Introduction à la psychologie bibliologique* de Nicolas Roubakine, publicada em francês em 1922 e reimpressa em 1998 pela *Association Internationale de Bibliologie* (AIB), a qual articula e consolida toda a teoria trabalhada pelo teórico por mais de trinta anos. A problemática de nossa pesquisa são os silêncios do campo biblioteconômico-informacional acerca do pensamento roubakiniano e seus conceitos revolucionários para a relação pessoa leitora, leitura e revolução social. A ênfase está, centralmente, em demonstrar o foco dessa figura conceitual, ou seja, a pessoa leitora, no discurso teórico e epistemológico do bibliotecário russo. De forma mais ampla, refletimos, no e para a epistemologia histórica em BCI, sobre algumas tessituras propostas pelas lentes de Roubakine, desvelando uma dimensão epistêmica que posiciona na

abordagem roubakiniana da pessoa leitora, do livro e da leitura, diante de uma realidade social e historicamente tecida, uma proposta de fundamentação praxiológica no e para o campo.

Nossa justificativa parte, de um lado, da constatação da baixa apropriação do pensamento roubakiniano no território biblioteconômico-informacional no Brasil e na América Latina (Salomão; Valle; Siciliano; Mata; Saldanha, 2024) e, por outro lado, da consideração das agendas de pesquisa em BCI em que pese a necessidade de compreender, do ponto de vista social da tessitura de outras lentes de constituição epistemológico-histórica do campo, como pessoas leitoras podem ser conduzidas por suas leituras informacionais, aqui dada pela via da perspectiva bibliopsicológica.

Trata-se de uma reflexão teórica-crítica, de natureza exploratória e explicativa, e ancorada na pesquisa bibliográfica para a coleta de dados. A partir do enfoque na investigação do conceito de pessoa leitora *(lecteur)* na Bibliopsicologia roubakiniana, o *corpus* central desta reflexão está na reimpressão de 1998 do primeiro volume da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, junto ao diálogo com outras fontes epistemológico-históricas do campo que abordam o teórico russo, sua obra e/ou conceitos pertinentes à discussão, como pessoa leitora, leitura e livro. O método de análise e discussão do material coletado parte de uma perspectiva teórico-crítica, social e epistemológico-histórica, com vistas a refletir, no horizonte biblioteconômico-informacional, sobre a noção de pessoa leitora no pensamento de Roubakine. O método aqui adotado não pretende ser exaustivo ou esgotar as possibilidades de interpretação e/ou apropriação da obra e das teorias roubakinianas.

Nossa hipótese consiste em demonstrar que a epistemologia bibliopsicológica de Nicolas Roubakine, ainda nas primeiras décadas do século XX, antecipa construtos teóricos, epistemológicos, metodológicos e sociocríticos em relação à posição da pessoa leitora nos estudos científicos sobre a leitura na paisagem da epistemologia histórica em BCI, sob uma lente política e sociocultural do livro e da leitura diante de uma realidade social dialeticamente tecida, que comprova seu papel epistemológico, político e revolucionário.

2 VOCABULÁRIO REVOLUCIONÁRIO BIBLIOPSICOLÓGICO: A PESSOA LEITORA, A LEITURA E O LIVRO PELAS LENTES ROUBAKINIANAS

Nicolas Roubakine: bibliotecário, bibliógrafo, editor e livreiro. O pensador russo, nascido em 1862 e com influência na e para além da Rússia, dedicou grande parte de sua vida aos estudos teóricos e empíricos sobre o livro e a leitura, desenvolvendo, entre 1880 e 1920, o que concebeu como Bibliopsicologia ou Psicologia Bibliológica: ciência voltada para os fenômenos psicológicos relativos ao livro — concebido por Otlet (1934) como qualquer registro de conhecimento, tudo aquilo que pode ser lido — e seus efeitos em quem lê e na sociedade como um todo. Mais precisamente, a análise e compreensão das relações mentais transcorridas durante a interação entre autoria, livro e pessoa leitora, com foco nas experiências de leitura a partir da ótica deste último (Roubakine, [1922] 1998).

No capítulo primeiro da obra roubakiniana, ao introduzir o tema de suas teorias, Roubakine ([1922] 1998) define os principais termos e conceitos de que vai se valer para desenvolver o seu pensamento. De modo específico, contextualiza as aplicações da Bibliopsicologia, afirmando que a relação entre a pessoa leitora e o livro é o objeto central de seu estudo e, para além disso, o fundamento epistêmico de sua ciência. O teórico nos diz:

> A primeira questão que se coloca para nós é esta: em que consiste essencialmente a psicologia bibliológica? Seu objeto essencial pode ser expresso de forma resumida: a psicologia bibliológica é o estudo da dependência funcional de três séries de fenômenos psíquicos, de três fatores que, como tais, dão origem a uma pesquisa exata, científica e até matemática: o leitor, o livro e o autor. **Eu falarei aqui principalmente sobre a dependência funcional dos dois primeiros fatores, isto é: em primeiro lugar 'aquilo que é lido' e, em segundo lugar, o 'leitor'** (Roubakine, [1922] 1998, p. 10-11, grifo nosso, tradução nossa).

A noção de livro em Roubakine ([1922] 1998) se alarga para além do códice, alcançando o que o teórico russo concebe como a "palavra cristalizada" (*parole cristallisé*), marcada pela fixidez e estaticidade, ou seja, trata-se não apenas de um registro de conhecimento, mas sim qualquer unidade de pensamento que se encontra "cristalizado" em uma dada manifestação de linguagem (visual, artística, falada, literária, científica). O que Roubakine ([1922] 1998) chama de livro pode se aproximar da concepção otletiana de documento. Em seu *Traité de Documentation*, Otlet ([1934] 2018, p. 45) aponta para o livro como uma "[...] cristalização das ideias, dos sentimentos, das vontades de quem o produz, uma cristalização que, por sua vez, influenciará essa outra cristalização, mais frágil e

suscetível de modificação, que é o usuário do livro". Tal perspectiva não está dada no livro pelo livro, ou seja, encerrada nos limites de sua cristalização, mas, sim, construída à luz de sua influência na mentalidade dos indivíduos que formam e integram uma dada realidade social em um dado espaço-tempo.

A intenção epistemológica da pesquisa bibliopsicológica de Roubakine ([1922] 1998, p. 11, tradução nossa) se revela centralmente em: "Pode-se alargar o campo de pesquisa da psicologia bibliológica incluindo o estudo da influência da palavra verbal, da música, da pintura e das belas-artes sobre a mentalidade de seus consumidores", incluindo aí as mutações das mediações sociotécnicas de sua época, como o nascimento do cinema.

Nesse sentido, a primeira relação bibliopsicológica que Roubakine ([1922] 1998) aponta é para a relação de influência do livro na pessoa leitora:

> Por questões de brevidade, chamarei de 'livro' toda palavra cristalizada, mas rogo aos meus leitores que não se esqueçam do que exatamente quero dizer com esse termo. **O leitor de um livro, se considerado em relação a esse livro, é uma função dele**. Considerado em sua existência independente, todo exemplar de um livro pode ser entendido como uma 'constante' no tempo e no espaço; **enquanto um leitor, considerado em suas relações com o livro, é a variável dependente**. Os leitores passam um após o outro ante os exemplares de um livro e ante um grande número dos mais diversos livros, e, a cada vez, a reação de cada um deles varia de acordo com aquilo que lê (Roubakine, [1922] 1998, p. 11-12, grifo nosso, tradução nossa).

Ainda no início do século XX, Roubakine ([1922] 1988) observa que o livro — ou, a "palavra cristalizada" —, é um elemento fixo e estático no tempo, ou seja, sua forma e sua linguagem estão cristalizadas ao serem manifestadas em diferentes espaços-tempo através dessa mesma linguagem. Trata-se de um objeto que, se conservado, é capaz de ser lido, relido, interpretado e reinterpretado de diversas maneiras pelo mesmo sujeito, por muitas outras pessoas e ao longo de muitas gerações.

Sua teoria trabalha a dialética da pessoa leitora, ou ainda, de pessoas leitoras que se deparam com a leitura de um livro (palavra cristalizada — códice, música, poesia, filme…) e sofrem efeitos variáveis em diferentes momentos de sua existência. A pessoa que lê, na figura roubakiniana, é o elemento vivo que se altera, que é variável; no entanto, se torna leitora, conhece o mundo a partir do contato imediato ou mediado com o livro em um dado espaço-tempo socialmente tecido. A pessoa só é leitora por estar em relação com o livro. Roubakine ([1922] 1998) inverte, de maneira dialética, essas noções na passagem seguinte:

> A psicologia bibliológica ousa afirmar que **um livro, na medida em que é lido, é função daquele que o lê**. Um livro **é aquilo que alguém pensa dele**, seja 'alguém' um leitor isolado, uma unidade, ou uma coletividade, um grupo social, uma condição social, uma classe, um círculo, uma nação, etc. Todo leitor é uma variável independente; todo livro lido por ele, isto é, **a ideia que ele forma de seu conteúdo, bem como de todas as suas qualidades, depende desse leitor funcionalmente**. Para além dessa dependência, ninguém sabe nada e nem pode saber nada (Roubakine, [1922] 1988, p. 12, grifo nosso, tradução nossa).

Aqui, a relação de efeito se inverte; são, agora, os leitores que fazem com que o livro seja algo dependente. Na medida em que os leitores, pessoas que conhecem, leem o livro, o interpretam e atribuem sentidos e significados, passam a dizer o que é o livro, bem como agem a partir da transformação experimentada pela leitura. Ou seja, a partir da leitura que uma pessoa leitora e/ou que uma comunidade de pessoas leitoras faz de um livro, da palavra cristalizada, é que se pode dizer, insistimos, o que o livro é. A comunidade leitora dá significado ao livro, estabelece seu conteúdo, suas qualidades, suas relações, apropriações ou não a partir de suas leituras. Textos podem ser lidos de maneiras muito diferentes por comunidades leitoras diferentes ou pela mesma comunidade leitora em tempos diversos.

No primeiro movimento dialético da leitura, o livro é invariável e a pessoa leitora variável; o livro possui algum tipo de concretude material e se apresenta de forma estática. O livro possui uma dimensão concreta, ou seja, ele é a palavra fixada, cristalizada; ele possui, em alguma medida, uma objetividade que, dentre muitas de suas manifestações, está impressa nas letras encadeadas de suas páginas. O movimento "livro-pessoa leitora" é o movimento que age sobre a pessoa leitora, significa dizer, o livro gera nessa pessoa efeitos de conhecimento, de saber, de informação, de lazer, de emoção, de choro, de riso, entre outros. O livro é agente sobre a pessoa leitora, que sofre a ação do livro na medida em que é lido e na medida em que esses sinais são sistematizados na mente da pessoa leitora em diálogo com seu contexto cultural, social e histórico prévio.

No segundo movimento dialético da leitura, o agenciamento se inverte. Dessa vez, é a pessoa leitora que leu o livro que irá agir sobre o mesmo. A leitura, agora mais elevada por estar sistematizada em relação mediada com os saberes prévios da pessoa leitora, deu condições para que esta mesma pessoa leitora possa organizar o objeto decodificado — aqui, o livro lido, a palavra cristalizada apreendida — em relação ao mundo. Nesse momento da dialética, o livro se dá à dominação, ao ordenamento, à significação e ao relacionamento com os outros objetos do mundo. A pessoa leitora pode dizer o que o livro é.

Em outras palavras, significa dizer que o meio social, categoria nuclear da epistemologia roubakiniana, influencia nas formas de ação do livro na pessoa leitora — ser social fruto de seu tempo e seu espaço, de vivências individuais e coletivas que afloram a partir da leitura. Podemos dizer que o livro muda a todo instante, acompanhando as intersubjetividades, realidades e sensações de quem o lê. Essa perspectiva dialoga com a noção dada pela Bibliopsicologia de que a consciência é particular e subjetiva em sua natureza — tanto as condições interiores como a maneira como essa mesma subjetividade se manifesta no mundo social —, sendo o livro tomado não somente como um artefato material, um fim em si mesmo, mas sim em sua concepção ampla, um reflexo da consciência de quem escreve e quem lê à luz de sua posição no mundo; ou seja, uma simbolização do real e da relação pessoa leitora-realidade. Ler-se-ia, pois, não só o objeto, mas também o mundo (Otlet, 1934; Saldanha, 2019a, 2019b; Salomão, 2020, 2025).

O movimento dialético da leitura está, portanto, superado; quer dizer, se mostra nos dois movimentos contrários, mas ao mesmo tempo complementares sob a perspectiva da totalidade da leitura. No entanto, Roubakine ([1922] 1998) parece manter esses movimentos e esses efeitos no âmbito da psicologia, ou seja, no bojo da mente humana:

> A leitura não é outra coisa senão um antropomorfismo do leitor, uma antropomorfização ‘daquilo que ele lê’, uma lenta criação ‘daquilo que ele lê’ à sua maneira e à sua imagem. O livro que você leu em sua infância lhe parece outro se você o reler na velhice. A leitura de um romance durante o elã de amor ou depois [dele] é completamente diferente. O livro é a sua mentalidade (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).

Nessa direção, a dialética da leitura, do livro e da pessoa leitora em Roubakine ([1922] 1998) se apresenta para nós como proposta promissora e duplamente revolucionária (tanto de uma perspectiva epistêmica como sociopolítica), na medida em que propõe na forma de uma ciência, fruto de uma lente positivista e, ao mesmo tempo, da paisagem social, histórica, política e científica de seu tempo, a ideia de desvelar processos complexos de leitura a partir da pessoa leitora. Suas aplicações, ou seja, a Bibliopsicologia aplicada, direciona-se: a) do ponto de vista do rigor analítico de seu método, ao estudo sobre como determinados textos e/ou linguagens são capazes de agir e reagir em diversas pessoas e/ou comunidades leitoras; b) do ponto de vista de seu fundamento político, ao horizonte da justiça social através do fim do analfabetismo, da popularização e socialização do conhecimento e da construção de uma consciência do real — ali, em seu contexto, marcado

pela opressão do império czarista. A Bibliopsicologia revelaria, pois, quais as formas e as linguagens que são capazes de gerar efeitos de leitura e significados na pessoa leitora, assim como promover a ação dessa pessoa a partir da leitura.

Este enfoque está posicionado à luz da procura epistemológica de Roubakine ([1922] 1998) por uma cientificidade para sua *episteme*, caminho que se desvela a partir do estudo do comportamento da pessoa leitora durante a leitura sob a ótica das ciências sociais e exatas, adotando uma via positivista que se propõe a formular leis, fórmulas e escalas de padrões que determinam os tipos de pessoas leitoras de forma qualitativa e quantitativa; isto é, a regularização dos efeitos do livro, propondo um método objetivo de apropriação de saberes que, na visão do teórico russo, conduziria mais rapidamente aos intuitos de sua Bibliopsicologia: a instrução popular e a socialização do livro (Otlet, 1934; Senn, 1977; Saldanha, 2019a, 2019b), visando à justiça social e uma concepção outra de humanidade que não aquela historicamente promovida pelo regime czarista russo (Roubakine, [1922] 1998).

Das investigações teórico-empíricas acerca do livro, da leitura e da pessoa leitora, sobressai um horizonte praxiológico que pode ser entrevisto na constituição epistemológica da Bibliopsicologia tecida por Roubakine: a compreensão dos saberes apropriados pela pessoa leitora durante os processos de leitura como instrumento para as tomadas de consciência das camadas oprimidas na luta pela transformação social (Saldanha, 2019a, 2019b). No bojo do regime de opressão na Rússia czarista entre o final do século XIX e os primeiros anos do XX, demarcado por censuras, perseguições políticas e assimetrias sociais sobretudo no que toca o acesso ao saber (Senn, 1977), a ênfase da ciência roubakiniana está em demonstrar que as desigualdades e opressões instituídas por estruturas sociais e políticas hegemônicas poderiam encontrar terreno fértil de luta e resistência não somente na prática leitora do livro, mas na prática leitora do mundo — a criticidade e reflexão da realidade social, ou seja, o real não seria tal como nos é dado, mas, antes, fruto de produções e distribuições desiguais e opressoras. É este horizonte que inspira e orienta o estudo sobre a leitura e a pessoa leitora, na qual o livro é tomado como um instrumento de luta pela igualdade e justiça social, ou seja, um conjunto de teorias, métodos, conceitos e modelos orientados para uma ciência revolucionária (Roubakine [1922] 1998).

3 DA CENTRALIDADE EPISTEMOLÓGICA DA PESSOA LEITORA PARA A JUSTIÇA SOCIAL EM ROUBAKINE

Não apenas o vocabulário roubakiniano, como também a construção epistemológica da Bibliopsicologia, estão dadas pela e para a pessoa leitora: "[...] a Bibliopsicologia afirma: o leitor é tudo" (Roubakine, [1922] 1998, p. 13, tradução nossa). É na pessoa leitora que o pensador russo encontra a razão de ser do livro, da leitura e, em sentido amplo, das possibilidades de transformação do mundo. Esta pessoa leitora é, antes e ao mesmo tempo, leitora do livro e da realidade ao redor. Na visão do bibliotecário, tal perspectiva faz com que o indivíduo seja parte formadora e integrante de uma realidade que influencia e é influenciada por suas formas de pensar sobre si e sobre os modos de perceber e interagir com essa realidade, sendo, pois, um ser social em sua essência.

Tal olhar evoca o papel ativo exercido pela pessoa leitora ao longo dos atos de leitura. O foco inicial das pesquisas sobre a leitura em BCI, como discutido em Simsova (1983), Dumont (1998) e Ramírez Leyva (2007), estava não na pessoa leitora em sua subjetividade, ou seja, como parte de uma realidade social que se constrói a partir da posição desse mesmo ser no mundo, mas sim no contexto de preocupação com a decodificação de uma mensagem enviada por um dado emissor (autoria) por parte de um dado receptor (pessoa leitora) através de uma mensagem (livro). Essa pessoa leitora seria compreendida, nessa ótica, como uma unidade "passiva" e não ativa nos processos informacionais, ou seja, não como um indivíduo que decodifica uma mensagem à luz de suas particularidades tampouco de sua realidade social, histórica, cultural e econômica.

No horizonte praxiológico roubakiniano, sobressai, mais uma vez, o papel ativo exercido pela pessoa leitora diante de uma realidade atravessada por diferentes assimetrias sociais, políticas e econômicas. Ao considerar a pessoa leitora como parte formadora e integrante das ações informacionais no mundo social, seria possível, através da própria ação leitora de "tudo aquilo que é lido", alcançar uma apropriação crítica e reflexiva acerca das contradições que reinam no mundo social. O potencial de um livro e da leitura para a transformação da realidade, estaria, antes de tudo, na ação que esta mesma obra exerce na pessoa leitora e, principalmente, nas diferentes possibilidades de apropriação de seu conteúdo (Roubakine, [1922] 1998). Significa dizer que a ação do livro estaria não nas intencionalidades projetadas por uma autoria para sua apropriação, mas, antes, nas

inúmeras possibilidades de impacto dessa obra na humanidade, de acordo com os contextos e intersubjetividades de cada pessoa leitora.

Estão dadas, aqui, as concepções simbólicas, sociais, críticas e revolucionárias, nas dimensões política e epistemológica, da Bibliopsicologia roubakiniana. O artefato livro seria, nessa perspectiva, não apenas uma ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento humano, ou seja, um aprimoramento das capacidades cognitivas para sua aplicação instrumental no cotidiano, mas também e, principalmente, um reflexo de quem escreve e quem lê em uma dada conjuntura sócio-histórica, despertando pensamentos, princípios, valores e ações. Tais fenômenos poderiam ser intencionalmente despertados, segundo Roubakine ([1922] 1998), a partir do estudo da pessoa leitora e de suas experiências de leitura — suas condições de conhecimento, quem é essa pessoa leitora, o que lê, como lê, quais suas visões de mundo.

Dito de outro modo, a partir do conhecimento da pessoa leitora e de suas configurações sociais e psicológicas, seria possível encontrar o livro ideal que vá ao seu encontro e que sirva, portanto, para despertar aquilo que se quer alcançar: o reconhecimento crítico da realidade via instrução popular e socialização do conhecimento. Por isso, o bibliotecário russo nos diz que seria possível utilizar o livro como instrumento de transformação social, caso se saiba utilizá-lo para este fim: “Mas é preciso aprender a manejá-lo, e nós podemos aprender. A vivência russa nos ensinou isso” (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).

Ao dizer que "a vivência russa nos ensinou isso", o pensador está a apontar, centralmente, para as possibilidades de ações advindas das tomadas de consciência crítica coletivas de uma classe trabalhadora que lutava pela destituição do czarismo. Essa mesma vivência russa, de onde Roubakine ([1922] 1998) retira dados, fatos e materiais que formam a *episteme* de sua ciência, poderia também orientar o uso desse livro, "o instrumento mais potente na luta pela verdade e pela justiça" (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa), nos diz o teórico russo, e sua aplicação na realidade justamente para esse propósito.

Isso só poderia advir, esta é a interpretação roubakiniana, a partir da investigação da pessoa leitora e dos esforços a favor da construção e acesso aos meios que tornaria possível essa ação do livro. Tal perspectiva nos direciona, como exposto ao longo de todo este trabalho, para a centralidade da pessoa leitora na tessitura do pensamento de Roubakine.

Ninguém saberia mais do que a pessoa leitora. Esta é, para a Bibliopsicologia, tudo (Roubakine, [1922] 1998), ou seja, é o centro da ciência roubakiniana.

Nesse sentido, a "revolução" de fundo epistêmico e social proposta pelo pensador russo está, centralmente, na abordagem da pessoa leitora, do livro e da leitura, em seu tempo e seu espaço, sob uma via positivista e, ao mesmo tempo, sociocrítica, a partir de um ponto de vista até então não explorado tanto pelas ciências que tratam do livro, como os estudos literários, a Bibliologia e a Bibliografia, como pelas lentes epistêmicas de sua época. O teórico estava a pensar conceitos, definições e noções que seriam tratadas depois em BCI, sobretudo nos estudos predicados como sociais, no pensamento de Ranganathan, Pierce Butler, Douglas Waples e Jesse Shera, por exemplo, bem como pela configuração epistemológica dos estudos informacionais desde os anos de 1960 e suas fronteiras disciplinares — o olhar roubakiniano com enfoque para a centralidade da pessoa leitora que pode ser entrevisto nas investigações sobre um indivíduo "usuário" a partir da década de 1970 no contexto dos estudos sociocognitivos, e nas disciplinas no escopo da Organização e Representação do Conhecimento. Esta mesma dimensão social e aplicada, sob a via roubakiniana, seria demonstrada pelas teorias de Sylva Simsova e Oleg Chubarian no plano biblioteconômico do Leste Europeu ainda nas décadas de 1960 e 1970 (Salomão, 2025).

O pensamento de Nicolas Roubakine demonstra, ainda, para nós, uma proposta de "revolução social" imbricada diretamente com o que aqui concebemos como sua revolução epistêmica: uma abordagem epistemológica à luz de uma paisagem social que encontra na pessoa leitora e na leitura um horizonte praxiológico que seria o coração não apenas da ciência bibliopsicológica, mas, principalmente, dos estudos biblioteconômico-informacionais. Mais ainda, que encontra na vida social, nas assimetrias vivenciadas pela classe trabalhadora em meio ao contexto imperial czarista russo, ou seja, em meio às opressões, às violências, às deportações, às perseguições, às prisões e às mortes, um modo de teorizar e demonstrar de que forma sua ciência, a Bibliopsicologia, poderia constituir um esforço revolucionário de resistência, enfrentamento e transformação das condições de vida forjadas por um regime político que se colocava como um obstáculo ao alcance de uma "vida nova". Além disso, de uma ciência que, até o momento, não reconhecia toda a potência do livro e da leitura, os instrumentos mais poderosos na luta pela verdade e pela justiça.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA CIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA A PARTIR DA CONSCIÊNCIA DA PESSOA LEITORA

No horizonte das discussões historiográficas conduzidas por Saldanha (2019a, 2019b), o autor indaga sobre as formas de (re)pensarmos a BCI não como um campo, poderíamos dizer, "inventado", "originado" aqui ou ali, mas sim como um território dialético ocupado, em todo seu percurso epistemológico, por disputas constantes em torno de seu objeto: a informação e seus modos de produção, circulação, apropriação e impactos no real; mais ainda, seus conceitos, sentidos, cientificidades e *epistemes* — isto é, as condições e intencionalidades que demarcam a constituição do campo, como as tensões acerca dos processos de leitura, da noção de livro/documento/informação e pessoa leitora.

Se partirmos, aqui, dos objetivos propostos por esta reflexão, ou seja, da discussão sobre a concepção de pessoa leitora no pensamento de Nicolas Roubakine à luz da paisagem epistemológico-histórica em BCI, é possível entrever em toda a construção de sua ciência, sobretudo nos contornos teóricos, epistemológicos, metodológicos e práticos que embasam a Bibliopsicologia, um gesto epistemologicamente revolucionário que se revela não apenas na trajetória biobibliográfica do teórico russo — a vida refletida na obra e a obra refletida na vida —, mas também e, principalmente, na proposta, via ciência bibliopsicológica, de uma fundamentação política e científico-social, de fundo praxiológico, que encontra na pesquisa sobre a pessoa leitora, o livro e a leitura diante dos contextos históricos e sociais e dos movimentos dialéticos que a constituem, diferentes lentes para (re)pensarmos a própria constituição do campo biblioteconômico-informacional; esta, poderíamos dizer, ancorada epistemologicamente na figura leitora e, mais ainda, no gesto leitor do mundo que tornaria possível a transformação social desse mesmo mundo.

Dito de outro modo, o método teórico-crítico de observação da Bibliopsicologia aponta para uma epistemologia histórica voltada para a identificação das categorias sociais que formam e integram a construção do nosso campo sob uma inflexão dialética, fundada nas contradições que regem o real em um dado espaço-tempo, e que sugerem essas mesmas categorias como "forças de luta revolucionária" (Saldanha, 2019b) capazes de revelar uma teoria social da, na e para o campo, dada, por exemplo, pelo ato de ler.

Estaria aí posicionada a Bibliopsicologia de Roubakine tecida entre 1880 e 1920 e sua compreensão do campo biblioteconômico-informacional como território de transformação social, centralizado na pessoa leitora e em sua participação ativa nos processos de produção,

apropriação e uso da informação via leitura. A ciência roubakiniana desvela, para nós, o próprio comprometimento do campo com uma ação informacional capaz de intervir na realidade social — a necessidade de um olhar sociocrítico, via lentes da BCI, para quem sofre com as mazelas causadas por regimes de marginalização, exclusão e exploração.

A releitura da elaboração epistemológica roubakiniana nos conduz, pois, a duas dimensões revolucionárias para a construção da cientificidade do campo informacional junto das demais ciências humanas e sociais na virada do século XIX para o XX. A primeira, uma revolução epistêmica ou científica, no sentido de que Roubakine desenvolve, em seu tempo e seu espaço e do ponto de vista positivista, mas, ao mesmo tempo, sociocrítico, conceitos, teorias e métodos que seriam depois desenvolvidos nos estudos informacionais, sobretudo no que se refere à figura da pessoa leitora, do livro e da leitura. A segunda dimensão é aquela diretamente vinculada à revolução política, tendo o "social" como construção histórica e, sob as lentes bibliopsicológicas, co-constituído pelo papel da ação da pessoa leitora. Trata-se do horizonte praxiológico entrevisto em toda tessitura da ciência bibliopsicológica. Nicolas Roubakine concebe a pessoa leitora, o livro e a leitura na e para as possibilidades de transformação social de um mundo atravessado por assimetrias sociais e políticas. A fundamentação de sua ciência e, a partir daí, sua fundamentação proposta para o nosso campo, tornamos a dizer, parte da pessoa leitora, do gesto leitor de tudo aquilo que é lido e do potencial da Bibliopsicologia de desvelar, ainda nas primeiras décadas do século XX, o comprometimento da BCI com os modos de transformação da realidade.

No entanto, precisamos discutir, em outros momentos, aquilo que Roubakine ([1922] 1998) atribui às consciências subjetivas e particulares, para entender como ele pensava a relação indivíduo-sociedade, muito importante para a construção da consciência. Se pensarmos a consciência dos leitores, alvo do trabalho de mediação através da leitura, enquanto consciências individuais, acabaremos por retirá-la do quadro dos produtos sócio-ideológicos construídos por uma realidade social, política e cultural historicamente dada.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y ciencia de la información. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte:

ANCIB, 2003. p. 1-20. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 11 set. 2026.

CAPURRO, Rafael. What is Information Science for?: a philosophical reflection. *In*: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (ed.). **Conceptions of Library and Information Science**: historical, empirical and theoretical perspectives. Tampere: Taylor Graham Pub., 1992. p. 82-96.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 247 f. 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

ESTIVALS, Robert. **Théorie générale de la schématisation 1**: épistemologie des sciences cognitives. Paris: L'Harmattan, 2002.

ESTIVALS, Robert. **Théorie générale de la schématisation 2**: sémiotique du schéma. Paris: L'Harmattan, 2003a.

ESTIVALS, Robert. **Théorie générale de la schématisation 3**: théorie de la communication. Paris: L'Harmattan, 2003b.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Más de cien años de estudio de los lectores. *In*: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **Tópicos de investigación en Bibliotecología y sobre la Información**. Ciudad de México: UNAM, 2007. v. 1. p. 41-90.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, [1922] 1998. v. 1.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, *[s. l.]*, v. 12, n. 1, p. 1-24, 2019a. Disponível em: https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/477. Acesso em: 11 set. 2026.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al*. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019b. p. 171-240.

SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal**: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. 312 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal

do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098. Acesso em: 11 set. 2026.

SALOMÃO, Amanda. **Nicolas Roubakine (Rubakin) pelas lentes da biobibliografia**: horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as décadas de 1880-1920. 2025. 487 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1452. Acesso em: 11 set. 2026.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Cartas geobiobibliográficas para uma doxografia roubakiniana: itinerários e paragens da obra de Nicolas Roubakine. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 18, n. 1, p. 01-35, jan./jun. 2025. Disponível em: https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/736. Acesso em: 11 set. 2026.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Horizontes para uma doxografia de Nicolas Roubakine: percursos teóricos empíricos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: ANCIB, 2024. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/1060. Acesso em: 11 set. 2026.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A praxiologia de Roubakine: uma leitura epistemológico-crítica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: ANCIB, 2023. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/1553. Acesso em: 11 set. 2026.

SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 29, p. 1-20, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99362. Acesso em: 11 set. 2026.

SENN, Alfred Erich. **Nicholas Rubakin**: a life for books. Massachusetts: Oriental Research Partners, 1977.

SIMSOVA, Sylva. Subjective dimensions of the reading experience. *In*: MCILWAINE, Ia; MCILWAINE, John; METUCHEN, Peter G. New (ed.). **Bibliography and reading**: a *Festschrift* in honour of Ronald Staveley. New York: Scarecrow Press, 1983. p. 66-82.

FINANCIAMENTO

Agradecemos ao Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa.